

# Globalização e exclusão

INES

ESPAÇO

JUN/99

2

**A** gente nunca vai para um fato nu. Somos sujeitos. Sujeitos e produto. Produto de um somatório de elementos que nos compõe, que compõe nossa totalidade possível. Sujeitos a idéias, comportamentos, criações. Sujeitos a alteridade. Nada é atoamente acontecido. Se atoamente acontece, já estamos sujeitos a ela. Construimo-nos a cada átimo de segundo. A cada átimo de segundo somos outros. Heráclito e a dialética (Um homem não mergulha duas vezes no mesmo rio. Ao mergulhar novamente as águas serão outras e ele também) talvez aqui imaginada mais radical, mais decomposta, mais atômica, mais recente e contemporânea dessa nossa aldeia efêmera. Parece que tudo está de passagem. Tudo parece envelhecer tão rapidamente que, ao tocar um objeto num toque, é percebido seu sentido embrionário e terminal. Tempo de todas as coisas. Tempo de tudo. O raciocínio e o espraiamento do cotidiano giram como ferraris a 500 Km/hora. Onde fica a emoção? Onde fica aquilo tudo que faz parte do todo e não fragmenta? No corpo perplexo que transita por mil imagens (em quem as podem ver) que transita por mil sons (em quem os podem ouvir), mil cheiros, mil toques, mil tudo. Tudo está interligado, como já dizia o sábio Apache. Tudo move tudo. Quando é que paramos? Perplexos estamos diante da inevitabilidade desses tempos. Quem pode tanto? Tantos somos que nem conta damos. Para onde vamos? Vivemos drogados e não sabemos. Overdose de informações. O que fazer com tantas? Nos drogamos a cada esquina, a cada ato, a cada vão silêncio, a cada gesto de amor contido. Vivemos os objetos desejados. A felicidade num par de tênis. Que coisa inquietante é a midiáticação dos nossos desejos. O que somos? Símios atordoados, bando primitivo. Antropófagos indiretos. Autofágicos. Movemo-nos estonteantes em direção ao nada. Como nos perdemos? Adultera-se o que é sagrado. Banaliza-se a rosa e vendem-se os espinhos. Vendem-se sim. Altera-se um princípio e faz-nos desejar um espinho. Estamos mergulhados em detritos milenares. Mergulhamos no diálogo travado entre Montezuma e os espanhóis. Mergulhamos na velhaca intenção inglesa de libertar os africanos da condição de escravos no Brasil do século XIX. Eles, os ingleses, já os viam como mercado potencial. Isso a que estamos reduzidos hoje. A criança suja na rua já é nossa inimiga. Somos sua presa fácil. Somos a possibilidade dela Ter o que comer. Tribos bárbaras, tribos nômades povoam as ruas, inclementes. Por onde vai a fraternidade? Consumimos excessos e pagamos nas ruas. O que educar, o que construir nessas tribos e em outras tantas que estão fora do projeto neoliberal? Qual a escola e o currículo viável nesses tempos? Para o Homem-mercado, quanto vale uma equação do segundo grau? Quanto vale o Império Romano? Quanto vale a hipotenusa? Quanto valem as metáforas e metonímias? Quanto vale matizar um quadro? Quanto vale o segredo de uma rima? Quanto vale o vale dos rios Tigre e Eufrates? Quanto vale a hiperestesia do poeta? Quanto vale a maçã, as duas, a do cientista e a de Eva? Quanto vale o ensino. Quanto vale a escola? Quanto vale um par de tênis? Quando um adolescente na rua, atropela sua própria fome e cede aos encantos de um par de tênis, o que pensar? Tira-o a fórceps de outro adolescente abastado. Às vezes mata. Mata não pelo pão, mas para apoderar-se de um bem simbólico de uma cultura que ele tenta desesperadamente alcançar. Para ele, não há mais tempo de cuidar da pele manchada, do dentes estragados, da alma ferida. Corre atrás de um nívelamento ditado pela globalização dos costumes, que alguma marca irá resgatá-lo, redimindo-o e entronizando-o nos rituais do bem simbólico. A rua nos aponta nosso fracasso. A agudização dos conflitos sociais nos dá inúmeras pistas do nosso fracasso. O Homem está vivendo o auge de sua descartabilidade. Os excluídos estão nas ruas e nós trancados em casa. Prisioneiros de parques alcanças. Cúmplices e vítimas das nossas pequenas omissões. A tecnologia que tanto nos encanta, que faz-nos brincar de mundo, também viabilizou a guerra pelos botões. O Homem não enfrenta mais o Homem, a tecnologia faz a mediação. Entretanto, as cidades e os campos estão povoados de gente. Gente cujo teto é o firmamento e o chão a própria terra. Gente criança, velhos, jovens e adultos. Gentes e demandas. Casta de excluídos que estão longe das tecnologias, mas que se fazem presentes e começam a incomodar.

*Solange Rocha*

## ESPAÇO

GOVERNO DO BRASIL  
PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
Fernando Henrique Cardoso

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Paulo Renato Souza

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL  
Marilene Ribeiro dos Santos

INSTITUTO NACIONAL  
DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
Siny Basílio Fernandes dos Santos

DEPARTAMENTO DE  
DESENVOLVIMENTO HUMANO,  
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO  
Solange Maria da Rocha

ESPAÇO é o informativo técnico-científico de Educação Especial para profissionais da área da surdez. Os trabalhos publicados no Informativo Técnico-Científico ESPAÇO podem ser reproduzidos desde que citados o autor e a fonte. Os trabalhos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

### EDIÇÃO

Instituto Nacional de  
Educação de Surdos – INES  
Rio de Janeiro – Brasil

PRODUÇÃO GRÁFICA  
I Grafic

TRAGEM  
5.000 exemplares

### COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO

Professor André Luiz da Costa e Silva  
Psicóloga Carla Verônica Machado Marques  
Fonoaudióloga Leila Manhães de Paula  
Fonoaudióloga Marisa M. Viola  
Fonoaudióloga Mônica A. de C. Campello  
Professora Simone Ferreira Conforto  
Professora Solange Maria Rocha

Contribuições, bem como pedidos de remessa deverão ser encaminhados para:



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO  
DE SURDOS

Comissão de Publicação  
Rua das Laranjeiras, 232 – 3º andar  
CEP 22240-001 Rio de Janeiro/RJ – Brasil  
Telefax: (021) 285-7284  
(021) 285-7393  
(021) 285-5107  
e-mail: ddhct1@ines.org.br